

O trabalho de consagração midiática: a reconversão dos líderes estudantis de maio de 68 no campo político e no campo literário

Jean Pierre Faguer*

Sartre era um outro eu mesmo
(BENNY LÉVY, 1980)¹

*Não vou fazer sociologia. Mais por preguiça que
por ser inútil. Pois poderia ser útil. E sem dúvida fácil.
Mas, afinal, tenho um monte de coisas para fazer aqui.*
(GEORGES PEREC, 18-12-1960)²

Resumo: Partindo da releitura do livro *Génération* de Hervé Hamon e Patrick Rotman, dedicado à história dos principais líderes do movimento estudantil francês de maio de 1968, este artigo analisa a trajetória de alguns militantes, particularmente daqueles que passaram das responsabilidades organizacionais à função de jornalista. Tendo por base um quadro dessas trajetórias com diversas variáveis como o capital social, o capital militante e a carreira escolar, o objetivo é dar conta da diversificação das estratégias de reconversão do capital militante, considerando a posição no mercado escolar e sua relação para com o sistema escolar. O autor parte da hipótese de que o capital político acumulado nas organizações estudantis era o produto de um capital social e cultural que estava no princípio da divisão do trabalho militante.

Palavras-chave: Movimento estudantil, política, universidade, França.

Abstract: Based on the reinterpretation of the book *Génération* by Hervé Hamon and Patrick Rotman dedicated to the history of the main leaders of the French student movement of May 1968, this article analyses the course of some militants, mainly those who switched from organizational responsibilities to the journalistic career. Taking their courses as the framework with different variables such as social capital, militant capital and school career, the aim of this study was to explain the diversification of the reconversion strategies of militant capital considering the position of the school market and its relation to the school

* Centre d'Etudes de L'Employ/Le Descartes I, Ecole de Hautes Etudes en Science Sociale/CNRS, França.

1. Fórmula pronunciada por Benny Lévy, ex-líder maoísta e secretário de Sartre, durante um programa de televisão dedicado à literatura (*Apostrophes*) e citada por Guy Hocquenghem em sua *Lettre ouverte à ceux qui sont passés du col Mao au Rotary* (Carta aberta aos que passaram do colarinho Mao ao Rotary – 1986).
2. Perek; Lederer (1997).

system. The author's reasoning is based on the hypothesis that the political capital accumulated by student organizations was the product of a social and cultural capital that was the principal of the militant work division.

Key-words: Student movement, politics, university, France.

Os acontecimentos de maio de 68 contribuíram para o deslocamento da fronteira entre o campo político e o campo literário em virtude do surgimento, no campo literário, de um novo tipo de intelectuais ao mesmo tempo escritores e jornalistas, cujo capital de notoriedade se constituiu através de sua experiência militante dos anos 60. Numa análise do campo universitário francês tal como se encontrava às vésperas dos acontecimentos de 68, Pierre Bourdieu afirma que “A análise desses *habitus duplos*, com ambição ambígua e renegada, facilitaria a compreensão do êxito ulterior, na imprensa, no meio editorial, nas relações públicas, no marketing, e até mesmo em empresas capitalistas, de certo número de líderes de Maio” (BOURDIEU, 1984).

Publicado quando das comemorações dos 20 anos de 1968, o livro *Génération* (Geração) de Hervé Hamon e Patrick Rotman (tomo I, 1987; tomo II, 1988)³ refaz a história dos principais líderes do movimento estudantil. Propomos uma “releitura” desse livro, a partir da construção da trajetória de cerca de sessenta “heróis”⁴, cujas entrevistas foram o fio condutor da obra. Nosso “material” será um quadro das trajetórias no qual as variáveis são o capital social ou político da família, o capital militante, a carreira escolar (em particular, o liceu⁵ frequentado no final do ensino médio ou nos cursos preparatórios para as “grandes escolas”)⁶ e universitária (passagem pela sociologia incluída) e, finalmente, os principais indícios de consagração política ou literária (notícia biográfica no *Who's who* ou no “Dicionário dos Intelectuais Franceses”, principais etapas da carreira política, obras sobre as quais sua reputação intelectual se erigiu, prêmios literários, etc.)⁷.

3. Ambos os autores cursaram *khâgne* no liceu Louis-le-Grand no final dos anos 60.
4. “Para limitarmos os nomes que perpassam nossa narração de vinte anos em mil e trezentas páginas (...) a escolha inicial foi de reunir ‘heróis’ que têm em comum o fato de terem frequentado a Universidade, e não uma amostra representativa de todas as camadas sociais” (HAMON; ROTMAN, tomo II, 1988, p. 652).
5. Por liceu, neste texto, entenda-se estabelecimento público que oferece cursos do segundo grau do ensino fundamental e do ensino médio, além dos cursos preparatórios para as “grandes Écoles”, e em particular os chamados *Khâgne* e *Hypokhâgne* para a Escola Normal Superior (Nota do Tradutor – N.T.)
6. Sobre o lugar das “grandes Écoles” no sistema escolar francês dos anos 60 e seus efeitos sociais, ver Bourdieu (1989).
7. Seria preciso relacionar a história dessa “literatura de ensaios”, tão típica do modo de formação dessa geração, com a transformação do mercado literário de romances; por exemplo: Modiano, nascido em 1945, revela, em 1982, numa entrevista publicada no jornal *Libération* quando da

Este trabalho é a primeira etapa de um projeto de objetivação estatística da história dos militantes dessa geração a partir do cotejo das informações reunidas nesse livro (geralmente imprecisas, eventualmente falsas ou incompletas) com aquelas encontradas não só apenas em dicionários especializados, na Internet, (em particular nos sites das diferentes universidades e laboratórios científicos, etc.), bem como em ensaios, romances ou autobiografias⁸. A idéia central é dar conta da diversificação das estratégias de reconversão do capital militante a partir da posição no mercado escolar (eram, em sua maioria, estudantes de Letras, que muitas vezes haviam cursado *Khâgne*⁹) e de sua relação (submetida ou revoltada) com o sistema escolar. Ou seja, partimos da hipótese de que o capital político acumulado nas organizações estudantis era o produto de um capital social e cultural que estava no princípio da divisão do trabalho militante. Interessamo-nos mais particularmente por um grupo de militantes que passaram das responsabilidades organizacionais à função de jornalistas, grupo no qual Serge July, diretor do jornal *Libération*, é um representante emblemático. Os membros desse grupo “acertaram a mão” entre 1958 (começo da V República) e 1962 (fim da guerra da Argélia); eles foram sucessivamente membros da União dos Estudantes Comunistas (UEC) e, depois de sua expulsão, militantes no Sindicato Estudantil (UNEF) e, em seguida, na UJC [ML] (União dos Jovens comunistas [Marxista-Leninista]) e, finalmente, no movimento maoísta *Gauche Prolétaire* (Esquerda Proletária), antes de criarem, sem verdadeira oposição¹⁰, o jornal *Libération* em

publicação de seu romance *De si braves garçons*: “Era um momento difícil. Não estava cursando nada. Escrevi por incapacidade de fazer outra coisa. Tinha 20 anos. Na época, eu lia essencialmente romances, ao contrário das pessoas de minha geração que liam ensaios políticos, econômicos ou filosóficos. A literatura parecia completamente obsoleta, fora de propósito. Nunca vi, nos anos 60, romance algum revolucionar o mundo estudantil”.

8. Variáveis que propomos confrontar ulteriormente com variáveis de percepção do carisma militante tal como pôde cristalizar-se na memória dos testemunhos dessa experiência de geração: variáveis corporais, psicológicas, relacionais; isto é, como se comportavam na vida cotidiana, sobre o que se baseava sua autoridade, etc. Para também tornar perceptíveis os efeitos do tempo, principalmente a transformação da *hexis* corporal e da apresentação de si mesmo, seria preciso comparar não apenas as notícias biográficas dos anos 80 e de hoje no *Who's who* e nas revistas de grande circulação, mas ainda fotos tiradas há vinte ou trinta anos [por exemplo, a foto de Serge July rodeado pela “equipe” de *Libération*, em julho de 1973 – publicada em Hamon, Rotman (tomo II, 1988, p. 486) – com a foto publicada em *Le Monde*, em 6 de fevereiro de 2003].
9. Entre os “heróis” desse livro (escrito por dois ex-alunos de *khâgne* no liceu Louis-le-Grand), existe uma “sobre-representação” de ex-alunos de *khâgne* (16 em 57, ou seja, 28% da “amostra”), que representavam apenas 1% dos estudantes de letras, e 0,5% dos estudantes em 1968 (cf. BOURDIEU, 1981).
10. O rumor se propagou como uma onda febril nos meios da extrema esquerda e da marginalidade: o *Libération* precisava de colaboradores. A oferta era tentadora: salários iguais (1.200 F), ausência de hierarquia, nenhuma censura; em suma, um jornalismo novo. Enquanto esperavam para serem contratados, muitos militantes aproveitaram para protestar contra o conservadorismo de

1973¹¹. Sua trajetória contrapõe-se à dos líderes de maio, que conseguiram transformar seu capital militante em capital político profissional¹², ou que morreram, geralmente de morte violenta¹³. Entretanto, esses “jornalistas-escritores” também se contrapõem a “escritores-jornalistas” que conseguiram usar seu capital militante para surgirem como os “fundadores” de novas formas de mobilização política tanto no trabalho “organizacional” de orientação política como no mundo das mídias: Bernard Kouchner (“a ação humanitária”), Régis Debray (passado da *Revolução na Revolução* à “midialogia”), André Glucksmann, (“sensibilizar” a esquerda ao *Discurso da guerra*) ou Christian Jambet (a religião, o Islã)...

Trinta anos depois, como as trajetórias são suficientemente longas para dar elementos de compreensão, pode-se evocar 68 sem paixão. Afinal, a maioria dos protagonistas que se destacavam em 1968 encontra-se, hoje em dia, no lugar ao qual podiam aspirar: os efeitos de objetivação certamente não serão percebidos como malevolentes e nem as análises como “sobredeterminadas”, para retomar uma expressão em voga naqueles anos; no que diz respeito ao essencial, “as cartas estão na mesa”.

A divisão do trabalho político no meio estudantil

Em 1978, Serge July, diretor do jornal *Libération*, escreve: “Agora como os touros de qualquer fazenda, temos uma marca indelével: somos parte de uma geração. E com o passar do tempo, posto que envelhecemos, essa geração impõe-se, ocupa posições de poder, tem seu lugar nas hierarquias, está presente na cena e nos jornais, escreve livros, publica-os, as elites, as pequenas oligarquias, os grupos de pressão, que se cristalizam hábitos de confrarias e de exclusão.” (*Libération*, 18

Libération nesse ponto: a contratação. De fato, o acesso ao jornal permanece submetido ao nepotismo e à cooptação (SAMUELSON, 1979).

11. Pode-se comparar o organograma da UNEF, em 1965, com o de *Libération*, em 1986 (cf. HAMON; ROTMAN, tomo I, 1987, p. 297); diretor: Serge July; gerente: Antoine Griset; diretor adjunto: Jean-Marcel Bouguereau; chefe do serviço internacional: Marc Kravetz; responsável pelas edições de província: Jean-Louis Péninou. A respeito da história de *Libération* e dos laços entre sua diretoria e o poder político, ver Rimbart (1999).
12. Alain Krivine, fundador da JCR (Juventude Comunista Revolucionária) e várias vezes candidato à eleição presidencial; Henri Weber, filho de um artesão-relojeiro, nascido num campo soviético para pessoas deportadas, na Ásia Central, é hoje senador pelo Partido Socialista e aliado, por seu casamento, à família Servan-Schreiber, a qual ocupa uma posição importante no mundo das mídias; Alain Geismar, inspetor geral do Ministério da Educação (*Éducation nationale*) e conselheiro de Allègre quando este foi Ministro da Educação do governo Jospin. Daniel Cohn-Bendit, deputado europeu.
13. Assassinos políticos (Michèle Firk, Pierre Goldman), suicídios (Nicolas Boulte)... O filme “*Mourir à trente ans*” (Morrer com trinta anos) de Romain Goupil retraza a história de Michel Récanati, líder estudantil em 68, responsável pelo serviço de ordem da JCR, que se suicidou em 1978.

de maio de 1978)¹⁴. Dez anos mais tarde, no final do livro *Génération*, esse ponto de vista “de cima” é completado pelo de Antoine de Gaudemar, filho de um sociólogo, companheiro de *khâgne* de Althusser em Lyon e co-fundador durante a guerra de *Témoignage Chrétien*, hoje em dia responsável pela redação deste jornal. Mais jovem que Serge July, ele adota o ponto de vista de quem entrou na militância depois do trabalho “fundador” de seus predecessores: “Tive muita sorte; estava no lugar certo, atravessei minha época sem frustração. A minha geração teve a sorte de ter vinte anos em 1968, bem como uma desvantagem maior em relação à que tinha cinco ou seis anos a mais. Ela foi colhida na época em que tudo se decide. Nossos predecessores tiveram o tempo de acabar seus estudos, o que não foi o nosso caso. Tenho muitos amigos que, hoje em dia, estão completamente perdidos, que não souberam retomar alento, que nunca vão se restabelecer. Estão acabados, azedos” (HAMON; ROTMAN, tomo II, 1988, p. 652).

Sabe-se que os especialistas da história intelectual tendem espontaneamente a analisar a vida social ou literária em termos de geração. *Libération* podia ter escolhido o nome de “*Génération*”, na medida em que esse jornal soube mobilizar, nos seus primórdios, uma clientela de ex-alunos marcados mais ou menos no mesmo momento de suas biografias por uma experiência idêntica de engajamento político. Entretanto, o conceito de geração não é simplesmente uma “idéia reguladora”, uma “hipótese de trabalho” (MENTRÉ, 1920) para dar conta dos efeitos coletivos de uma experiência comum de socialização política. Seu emprego pelo diretor de *Libération* sugere que pertencer a uma mesma geração seria um fator de mobilização política tão determinante quanto o sexo ou a origem social. O pior, ou o melhor, é que “nem está errado.” De fato, pode-se dizer que os seis anos que separaram Antoine de Gaudemar (nascido em 1948) de seu “patrão” no *Libération*, (July nasceu em 1942) constituíram, no contexto particular dos anos 60, o tempo necessário para acumular capital militante e ocupar posições de poder no movimento estudantil; contudo, e não se deve esquecer isto, num momento particular – o começo dos anos 60 marcado pela guerra da Argélia –, em que a acumulação de experiências militantes conferia o poder de participar do ato fundador de novas formas de engajamento na militância.

Se 68 foi 68, é porque os responsáveis pelo movimento haviam sido socializados na militância estudantil pela guerra da Argélia. Mais próximos dos 30 anos do que dos 25, eles têm um *habitus* de “responsáveis”, conscientes dos riscos (por exemplo, a prisão para os insubmissos) implicados pelo engajamento político, mas são também, como Alain Geismar, responsáveis pelo SNES-SUP, adultos (vivem em casais, têm um trabalho estável como docente ou pesquisador) beneficiários de um “estatuto” social que os diferenciava do que o “estatuto” dos estudantes por

14. Citado por Samuelson (1979).

eles dirigidos ainda podia ter de vago e incerto com relação ao futuro¹⁵. Sem essa geração de “profissionais” da militância estudantil que se conheciam desde a UEC, maio de 68 teria provavelmente tomado um outro rumo.

Esses seis anos correspondem a um tempo histórico cuja lógica precisa ser construída; a militância é um tempo de acumulação; e acumular capital, em outras palavras, experiência, leva tempo. O tempo para compreender, mas também para ser reconhecido como um “bom militante” e galgar os diferentes degraus da hierarquia das “responsabilidades” para, enfim, poder exercer uma influência; em suma, o tempo para agir. Pode-se reduzir esse tipo de capital a três variáveis principais: primeiro, o pertencimento a um certo tipo de família, que implica a grande precocidade política desses militantes, (ser reconhecido como o melhor vendedor do jornal *Avant-garde* [jornal da juventude comunista] e ter, por esse motivo, sua foto publicada no jornal *L'Humanité*, como Alain Krivine, etc.). Segundo, o tipo de estudos e a trajetória escolar, levando em conta o momento da trajetória que corresponde ao engajamento numa organização política, para apreender os efeitos de dependência ou independência, para com a organização, produzidos pela trajetória. Terceiro, a especificidade do capital militante. Por exemplo, o livro *Génération* oferece uma série de anedotas ilustrativas de como se constituía, diferença mais visível, a divisão do trabalho militante entre “teóricos” e “organizadores”: podemos distinguir nos retratos propostos, por um lado, os retratos dos chefes “carismáticos” que escreviam regularmente artigos na revista da organização e, por outro, aqueles que “organizavam” o movimento e eram responsáveis pela orientação dos militantes anônimos (as “massas”) nas manifestações ou nos “anfiteatros” (salas de aula das universidades). Essas formas de engajamento são o fruto de um conjunto de variáveis sociais: umas são evidentes (capital escolar, social, etc.), outras são muito mais específicas deste objeto: a experiência precoce da vida política no âmbito da família ou das organizações de juventude, variáveis físicas (ter uma “aparência simpática”), ou de apresentação de si mesmo, ter o contato fácil, não ser “tímido”, “recatado”, saber tomar a palavra (isto é, geralmente, saber “cortar” a palavra do contraditor) numa assembléia, etc.

Como se vê, ao contrário de outras formas de militância, a militância estudantil tem todas as propriedades atribuídas à juventude: generosidade, engajamento, entusiasmo, dedicação. Entretanto, essas qualidades morais devem ser consideradas em relação às qualidades físicas que explicam os “usos” diferenciados da divisão do trabalho militante: podem-se tomar como exemplo as características de apresentação de si mesmas das garotas eleitas na diretoria nacional da UEC e da UNEF (poucas têm responsabilidades, mas é preciso que haja sempre uma na

15. Este é um dos temas principais de *Héritiers*, análise sociológica do mundo estudantil, em particular dos estudantes de letras, publicado em 1964 por Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron.

tribuna¹⁶). Nos retratos de militantes, não se deve esquecer a dimensão corporal do carisma político. Serge July, jovem estudante, reparte seu tempo entre seu interesse pelo teatro¹⁷ e a militância (não se deve subestimar o papel, na época, do teatro universitário como lugar de acumulação de capital político¹⁸). Também seria preciso analisar, nesse espírito, as grandes liturgias políticas do movimento estudantil: “lances teatrais” durante os congressos, tomadas de palavra nos anfiteatros, etc, bem como as interpelações violentas, a expressão das emoções, as passagens repentinas do riso às lágrimas, os gritos, etc. Vêm a seguir as competências técnicas do bom militante de base: docilidade, autodisciplina, coragem. Finalmente, há as competências simbólicas, notoriedade da família, genealogias políticas ou intelectuais, capital escolar (o grupo dos normalistas que se constituiu em torno de Althusser e que levou Robert Linhart¹⁹ ao “poder” na organização estudantil maoísta), ser aluno num liceu parisiense, se possível no *Quartier-latin* (uma variável essencial para os anos de acumulação do capital militante dos responsáveis do movimento de 68: para alguns, a socialização do trabalho político começou quando tinham 12 ou 13 anos²⁰). A divisão do trabalho militante reproduz, no próprio mundo militante, oposições que lhe são externas, que pertencem ao mundo social e que estão na base do êxito no mundo da escola²¹. É preciso ver nelas não apenas fatores de acumulação de capital, como também de discernimento das posições rentáveis e que, eventualmente, possam ser reconvertidas em outros

-
16. É possível comparar uma grande diversidade de documentos filmados em torno das mulheres no filme *Le torchon brûle* (direção de Irène Richard), que é parte da série de 15 filmes dirigidos a partir do livro *Génération* (série de televisão de Hervé Hamon, Patrick Rotman e Daniel Edinger, *Vision Seuil*, duas fitas).
17. “Serge July é louco por teatro. Há vários anos não perde uma montagem. Em *Clarté*, ele resenhava peças de Beckett e espetáculos de Peter Brook. Na UNEF, com seu amigo Denis Joxe, filho de Louis, ministro do General [de Gaulle], iniciou uma reflexão sobre a atividade cultural. O sindicato estudantil não é desprovido de tradição nesse campo. Após a guerra, uma Federação do teatro universitário, na qual Roland Barthes se distinguia, conheceu um certo brilho, antes de periclitar” (HAMON; ROTMAN, 1987, tomo I, p. 298).
18. A Federação Nacional dos Teatros Universitários teve, nos anos 60, Jack Lang, futuro Ministro da Cultura de Mitterrand, como secretário geral, e Philippe Léotard, irmão do Ministro da Cultura que substituiria Jack Lang nos anos 80, como tesoureiro.
19. Robert Linhart ingressou na *École Normale* em 1963, momento marcado pelo apogeu da influência de Althusser entre os alunos de filosofia e a presença de Michel Foucault no júri do concurso de ingresso.
20. Alain Krivine e seu irmão gêmeo, Hubert, filhos de um estomatologista, foram formados para o trabalho militante no liceu *Condorcet* pelos seus dois irmãos mais velhos que militavam na Juventude Comunista: com 15 anos, Alain Krivine foi nomeado, por Paul Laurent e Jean Gager, responsável pela totalidade dos alunos comunistas nos liceus de Paris. “Desde *Hypokhâgne*, no liceu *Condorcet*, ele era membro da UEC e presidia a federação UNEF dos alunos dos cursos preparatórios”.
21. Nesse ponto tentamos, numa pesquisa dedicada à trajetória profissional de uma geração de alunos de *khâgne* (1963), relacionar os efeitos do julgamento professoral segundo a origem social com a orientação profissional (cf. FAGUER, 1995).

universos: diretor de jornal, conselheiro de um ministro, alto funcionário, diretor de um gabinete de advogados, etc.

Diversidade das heranças políticas

O capital “político” da família, suscetível de se transformar em capital militante, é apenas um caso particular do capital cultural acumulado por cada uma das famílias. Em outras palavras, pode-se ver nesse universo uma espécie de desdobramento dos mecanismos que se podem observar no mundo escolar. Por exemplo, pertencer à família de um homem político importante (Tiennot Grumbach, hoje em dia advogado, é apresentado como “o sobrinho de Mendès France”), pertencer a uma família que participou da Resistência (Goldman); um outro aspecto desse capital é a precocidade do engajamento político, em razão do papel de socialização desempenhado pelas organizações de juventude do Partido Comunista, os “*Vaillants*” (os Valentes), etc. e dos pais que ocupavam cargos em municipalidades comunistas (o pai de Kravetz, ex-resistente, é empregado na prefeitura de uma cidade da grande Paris).

Este é um caso particular do desdobramento da dominação cultural exercida pelos estudantes parisienses da alta burguesia sobre os “diplomados da primeira geração” oriundos da pequena burguesia ou das classes populares. É preciso recolocar essas trajetórias biográficas no contexto escolar do início dos anos 60, momento em que estudantes da pequena burguesia e uma pequena minoria de alunos oriundos das classes populares começavam a ter acesso aos estudos superiores, embora num âmbito de formação ainda elitista, com tudo o que isto implica em termos de efeitos de dominação cultural, ou seja, trata-se dos anos que precederam “a explosão escolar”. Podem-se observar comportamentos de auto-eliminação produzidos pela difusão dos modelos de práticas culturais próprias das classes altas. Esses estudantes eram muito diferentes dos que entrariam no ensino superior no final dos anos 60. Para eles, tais distinções não teriam mais sentido. Os estudantes da “primeira geração”, pelo contrário, são o produto de uma socialização elitista, (grandes liceus parisienses, cursos preparatórios, conjunto de carreiras seletivas dominadas por alunos oriundos das classes altas)²². Daí a tendência não a se revol-

22. O grande mérito de um programa como *Vingt ans après* (Vinte anos depois), exibido em 23 de março de 1979 na FR3, foi o de saber evocar a percepção, geralmente recalcada na idade adulta, que os entrevistados podiam ter conservado das diferenças sociais que existiam entre eles quando eram alunos dos liceus. O diretor Sylvain Roumette, professor assistente no Centro Audiovisual da *École Normale Supérieure de Saint-Cloud*, filmou o reencontro, vinte cinco anos depois, de cerca de quinze alunos de uma sexta série “piloto” do liceu Montaigne e de seu professor de francês. Uma aula de francês (dedicada à explicação de uma poesia de *Hérédia*) fora filmada pelo *Institut pédagogique national*, em 1953, e alguns trechos deste filme foram retomados em *Vingt ans après* (cf. TUBIANA, 1979).

tar, mas a inscrever sua revolta em modelos de diletantismo cultural, de recusa dos exames²³, etc. Esses “estudantes de origem modesta” tendiam a identificar-se com um modelo de estudante cuja origem remonta ao século XIX (o *Bachelier* de Jules Vallès). Alain Forner, presidente da União dos Estudantes Comunistas, teria dito, quando ficou em minoria: “A minha vida está acabada”²⁴.

Duas trajetórias extremas permitem compreender o significado da transgressão, da prisão, do “correr riscos” no contexto da militância “revolucionária” dos anos 60: a de Régis Debray e a de Pierre Goldman. A descrição que Robert Darnton faz da “Boêmia” intelectual na qual seriam recrutados numerosos personagens determinantes da Revolução Francesa (DARNTON, 1983) deixa bem claro que existia uma categoria de estudantes desclassificados que viviam a situação de estudante como um estilo de vida e não como uma etapa obrigatória em sua trajetória intelectual. Por exemplo, Pierre Goldman, “inventor” do serviço de ordem da UEC: “Matriculo-me na *Sorbonne* (...) a condição de estudante me causa horror (...). Não trabalho, dão-me o dinheiro que peço na forma de um empréstimo que jamais reembolso. Sinto um prazer amargo ao estabelecer essa destruição entre mim e os outros, ao destroçar minha imagem (GODMAN, 1975).” Os efeitos dessa dominação cultural manifestam-se de modo mais difuso entre os alunos anônimos dos liceus; é espantoso constatar, por exemplo, que nos cursos preparatórios dos liceus parisienses as escolhas intelectuais ulteriores (escolhas das disciplinas e carreiras) dos alunos de origem popular ou provinciana eram menos o produto dos efeitos da seleção escolar (a “sanção” do concurso) do que da dominação cultural exercida por seus colegas mais burgueses, mais “intelectuais”, mais parisienses.

Como se instaura a divisão do trabalho, quando esse trabalho se apóia em efeitos carismáticos, dentro de um universo ainda não completamente institucionalizado? Pode-se observar, nesse mundo, os efeitos de uma dupla dominação exercida sobre aqueles que têm menos capital. De fato, é preciso ter o capital específico para este universo. Entretanto, por seu lado, os mais “modestos” pedem outra coisa: a “confirmação” de seu lugar nesse universo, que diminuiria sua ansiedade, expressão de sua “incerteza de si.” Essa confirmação pode apenas “fixá-los” no reconhecimento de sua “qualificação” subalterna de bom companheiro ou de “técnico” a serviço do grupo. O que vale para as escolhas dos estudos e das profissões [as garotas, quando são as primeiras de sua geração a fazer estudos superiores, preferem, por exemplo, ser montadoras de cinema a diretoras (FAGUER, 1993)], também vale, embora com formas diferentes, mais discretas,

23. A leitura dos romances de Georges Perec, principalmente *L'homme qui dort* e *Les choses*, é particularmente edificante quanto a esse estado de espírito (cf. BELLOS, 1994).

24. Ele se suicidaria nos anos 70.

no mundo militante: limpar a sala depois da reunião, distribuir panfletos, colar cartazes, mas também, assumir os “plantões”, saber preparar uma festa... Ora, é antes a esse tipo de “vocação” que se agarram as mulheres, os homens de condição modesta, etc. Seria preciso inventariar todas as formas dessas confirmações “negativas” que valorizam os “pequenos” papéis, os papéis menores, entretanto tão indispensáveis, do tipo “você sabe fazer isto tão bem.”

O livro evoca, por exemplo, o caso de Prisca Bachelet, uma “estudante de filosofia”, embora “bolsista” e “de origem modesta (mãe empregada nos Correios, pai pequeno artesão que vai de falência em falência), “criada em escola de freiras, no meio das filhas da boa burguesia”: “ela escolhe espontaneamente as personalidades marginais (...). Filósofa, ela estuda Marx, assim como Bataille e Alexandra Kollontai, cujas admoestações feministas dirigidas ao camarada Lenine lhe agradam. Prática, gosta de tarefas concretas, está sempre disposta a dar uma força, ela opera o mimeógrafo da FGEL, no quinto andar da *Sorbonne*, e garante os plantões da UNEF na entrada da biblioteca.” (HAMON; ROTMAN, tomo I, 1988, p.194).

Concorrência e complementaridade do mercado escolar e do mercado da competência política

Os membros do grupo Serge July, Marc Kravetz e Jean-Louis Péninou têm uma trajetória comum: entraram na militância ao ingressar na universidade, num momento em que um novo estilo de luta se instaurava, principalmente sob a influência da oposição à guerra da Argélia, a qual se organizava fora dos partidos políticos (“Manifesto dos 121” contra a tortura, os “carregadores de malas”, os “insubmissos” que se recusavam a ir à Argélia...). Esses líderes das organizações estudantis vão transpor este espírito no mundo estudantil: serão seus emblemáticos figurantes, seus “organizadores.” Viver a transformação da UEC, e em seguida da UNEF, organizar a “massa” estudantil é, para eles, um trabalho em tempo integral. Para eles, não existe separação entre vida militante e vida estudantil: a vida dos cafés, pensando nisto o tempo todo, dia e noite, eles percorrem as províncias para organizar os grupos, abandonam seus estudos, matriculam-se em sociologia. Eles se tornam militantes “profissionais.”

O surgimento de uma nova geração de militantes em meados dos anos 60, cujos representantes mais emblemáticos serão Robert Linhart e Benny Lévy, leva a pensar que, no modelo da escola (ciclo curto e ciclo longo), existem duas formas de “precocidade” militante. A precocidade num ciclo curto não tem os mesmos efeitos sobre o futuro estudantil que a precocidade num ciclo longo, se entendermos por “curto” e “longo” duas carreiras diferentes de militância produzidas pela divisão do trabalho militante: elas orientam as “vocações” segundo o volume de

capital político entre os que entram numa carreira “de organizadores” (carreira curta) e os que ingressam numa carreira de “teóricos”, “de intelectuais”²⁵ (carreira longa). Com pouca diferença de idade em relação aos militantes que “agitaram” a UEC e em seguida a UNEF, esses recém-chegados esperaram, para militar, ter ultrapassado a “zona de turbulência” dos concursos; e com relação a seu “futuro”, beneficiam-se de uma dupla vantagem: além da vantagem inicial de sua origem social, (são parisienses, oriundos das classes médias ou altas, etc.), eles têm a que lhes confere seu êxito universitário, eles cursaram *khâgne* ou são normalistas, próximos de Althusser²⁶. Sua militância não se concentra nas tarefas humildes e técnicas, mas pelo contrário, imediatamente, no trabalho “teórico”, na criação de uma revista crítica, etc. (*Les cahiers marxistes-léninistes*). Além de terem ingressado na carreira militante depois de terem “garantido” sua carreira estudantil, eles têm, por sua origem social e/ou escolar, o capital que possibilita todas as reconversões²⁷. Vinte anos mais tarde, reencontramo-los docentes do ensino superior ou pesquisadores em ciências sociais (Philippe Robrieux, Robert Linhart), membros de gabinetes ministeriais dos governos socialistas (Philippe Barret²⁸), escritores, (Olivier Rolin), etc. Ao contrário dos “organizadores”, que não podiam reivindicar outras competências a não ser as de saber organizar, sua “reputação” não dependia diretamente das organizações. Essa experiência, para eles, não passou de um momento de sua juventude.

A “gênese” da vocação

Interessar-se pelas “maneiras de fazer” da militância permite salientar as disposições que separam, – espécie de parede invisível embora intransponível – os “organizadores” dos “inventores”, daqueles que farão “nome” “exportando”, após 68, práticas militantes que aprenderam no “laboratório” da UEC, (mais especificamente durante sua colaboração com *Clarté*, a revista editada pela União dos Estudantes Comunistas [UEC]), para um outro campo de atividade política; Bernard Kouchner, por exemplo, filho de médico, ele mesmo médico, inventa “o humanitário”. Roland Castro, fundador de VLR (*Vive la Révolution*), hoje arqui-

25. Não por acaso, a notícia biográfica de Alain Krivine no *Who's who* indica sua atividade tanto de jornalista em *Rouge* como de fundador e responsável pela organização que justamente criou esse jornal militante.

26. “Conheci uns rapazes [da Escola Normal Superior da Rua] de Ulm que estudavam marxismo com Althusser; encontrei neles guias tranquilizadores em razão de suas certezas...” [ex-aluna de *khâgne* hoje magistrada. Citado em Linhart (1994)].

27. Cf. *Tigre en papier*, 2002, romance de Olivier Rolin (normalista, filho de um médico colonial que se tornou administrador das colônias, organizador das “ações” de *La Cause du Peuple*).

28. Philippe Barret dedicará uma tese à sua experiência de conselheiro de Jean-Pierre Chevènement, Ministro da Educação nacional (BARRET, 1988).

teto, “inventar” os subúrbios ao introduzir nos universos tecnocráticos os temas da vida cotidiana valorizados por 68 (o “vivido”, o “cotidiano”, a “festa”, etc.). Henri Weber, conselheiro de Alain Krivine e teórico da “organização”²⁹, docente em Paris VIII; autor, nos anos 80, de um livro sobre os “patrões”, hoje em dia senador pelo Partido Socialista, contribuiu, quando membro do gabinete de Fabius, para a conversão dos extremistas de esquerda ao “pragmatismo” (a “geração” Mitterrand). Alain Geismar, inspetor geral, ingressou em 1997 no gabinete de Allègre, ministro da Educação do governo Jospin. Jean-François Bizot, filho de um industrial, soube integrar o “marginalismo” como tema “norteador” na imprensa dos anos 70 e aproveitar-se do aspeto ambíguo engajamento “cultural”/desengajamento político, fruto da difusão dos novos modelos culturais da juventude americana (liberação sexual, viagens, lazer, etc.), ao criar o jornal “Actuel” (BIZOT, 1976)³⁰. Todos esses “ex-militantes” de 68 fizeram um “nome”. Resta compreender quais foram os fatores da reconversão dos outros “heróis” do livro: esses “organizadores”, que tiveram sempre a preocupação de evitar “rupturas” nos movimentos estudantis, as “frações”, que fizeram prova de “virtuosismo” para parir moções de “síntese”, obviamente, também “fizeram um nome”, (nome que ecoa em todas as páginas do livro *Génération*), mas somente na organização que dirigiam; em outras palavras, se desfrutavam de uma reputação certa, esta só circulava num universo limitado; era uma reputação “local”. Eram conhecidos e conheciam todo o mundo, mas apenas no “meio militante”³¹.

Pode-se ver, em suas estratégias coletivas de reconversão para o jornalismo “engajado”, um processo coletivo de oblação: “sacerdotes” de um movimento em que os nomes citados acima eram os profetas (ou os bruxos), para retomar a terminologia weberiana, eles têm “em grupo” todas as qualidades necessárias para existir por meio da comemoração do grupo, com a condição de, entretanto, submetem-se aos interesses do grupo, em suma, de renunciar a si mesmos. Eles tinham de se reconhecer como os “representantes” com mandato do conjunto dos ex-estudantes de sua “geração” de “esperanças” de 68. Suas qualidades, sua “sensibilidade”, seus cadernos de endereços também lhes permitiram “fazer sucesso” na imprensa.

Em *Génération*, Jean-François Bizot, fundador do jornal *Actuel*, resume nesses termos a “estratégia” de Serge July: “No início, July não tinha o costume do jorna-

29. Ele defenderia uma tese de mestrado dedicada à crítica da noção de consciência de classe (WEBER, 1974).

30. O autor, nascido em 1944, é filho de um industrial parisiense; diplomado pela *École centrale*, depois de “estabelecer-se” numa usina da região de *Grenoble*, viajou para os Estados Unidos antes de criar, no início dos anos 70, o jornal *Actuel*.

31. Graças a uma única aparição na televisão como um dos *nouveaux philosophes*, André Glucksmann se tornou um representante “midiático” dessa geração.

lismo. Digo isto sem maldade. É preciso tirar o chapéu para o que ele realizou depois; os métodos nem sempre eram muito limpos: alguns maoístas mereciam ser jogados fora com a água do banho. Entretanto, na vida, é preciso escolher. Alguém precisava tomar o poder nesse jornal. Ele queria fabricar uma ferramenta de poder ideológico na sociedade: conseguiu.” (tomo 2, p. 632). Pode-se comparar o julgamento de um “amigo”, que se revelou um concorrente, com o publicado por Guy Hocquenghem, um de seus antigos colegas dos anos de militância, hoje um de seus colaboradores mais próximos no *Libération* (onde ele foi jornalista de 1976 a 1981): “Você soube criar para si um lugar onde as contradições se anulam (...). Em suma, você se sacrificou. Esta homenagem do vício à virtude é bastante engraçada. Ninguém se precipita porque você eliminou seus eventuais rivais. Se tomou o poder em *Libération*, é por pura dedicação, segundo você mesmo diz. Se você é editorialista, nesse jornal anti-editorialista, é apenas porque, mesmo assim, precisavam de um. Todo seu poder se construiu assim, porque era mesmo necessário ter alguém regulador, centralizador, alguém para fazer o trabalho sujo e desprezado.” (in: *Lettre ouverte à ceux qui sont passés du col Mao au Rotary*, Albin Michel, Paris, 1986).

Fazer jornalismo, em certos casos, significa fazer um nome valorizando o nome dos que já têm um. A leitura regular de *Libération* permite discernir todas essas “remissões” discretas que produzem tantos efeitos de consagração; esses ex-militantes que se tornaram jornalistas, cumpriram essa tarefa de “reconhecimento recíproco” não só ao “acompanhar” a carreira dos grandes intelectuais “engajados” (Sartre, Foucault, Derrida, etc.), como também, e de maneira mais sistemática e contínua, a de seus colegas da UEC que já tinham um nome (Cohn-Bendit, Kouchner, Krivine...). É nesse sentido que o jornalismo foi uma saída coletiva para eles, visto que podiam reproduzir no campo do jornalismo (o dom da “organização”) a divisão do trabalho que lhes permitira “ter êxito” na militância. É um dos mais perniciosos paradoxos do funcionamento de *Libération*, jornal militante criado sob a égide de Sartre, este de ter levado os intelectuais mais “confirmados” dessa geração a serem “avaliados” por aqueles cuja carreira intelectual tinha fracassado ou fora despedaçada.

Referências bibliográficas

BARRET, Philippe. *La politique éducative du gouvernement de la France de juillet 1984 à mars 1986. Le ministère de Jean-Pierre Chevènement*. Tese (Doutorado), Paris 8, Sociologia, 1988.

BELLOS, David. *Georges Perec, une vie dans les mots*. Paris: Seuil, “Biographies”, 1994.

BIZOT, Jean-François. *Les déclassés*. Paris: Le Sagittaire, 1976.

BORDIEU, Pierre. *Épreuve scolaire et consécration sociale. Les classes préparatoires aux grandes écoles*, *Actes de la recherche en sciences sociales*, 39, 1981.

BORDIEU, Pierre. *La Noblesse d'Etat, grandes écoles et esprit de corps*. Editions de Minuit, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *Homo academicus*. Paris: Seuil, 1984.

DARNTON, Robert. *Bohème littéraire et Révolution: le monde des livres au XVIII^e siècle*. Gallimard-Seuil, 1983.

FAGUER, Jean-Pierre. Epouse et collaboratrice. *La Misère du Monde*. Paris: Seuil, 1993.

FAGUER, Jean-Pierre. Khâgneux pour la vie. Une histoire des années soixante. *La Documentation Française*, 1995.

GODMAN, Pierre. *Souvenirs obscurs d'un juif polonais né en France, Points Actuels*. Seuil, 1975.

HAMON, Hervé; ROTMAN, Patrick. *Génération*. Tomo I: "Les années de rêve" (Os anos de sonho). Paris: Éditions du Seuil, 1987.

HAMON, Hervé; ROTMAN, Patrick. *Génération*. Tomo II: "Les années de poudre" (Os anos de pólvora). Paris: Éditions du Seuil, 1988.

LINHART, Virginie. *Volontaires pour l'usine, vies d'établis, 1967-1977*. Paris: Seuil, 1994.

MENTRÉ, François. *Les générations sociales*. Paris: Bossard, 1920.

PEREC, Georges; LEDERER, Jacques. *Cher, très cher, admirable et charmant ami. Correspondance Georges Perec et Jacques Lederer, 1956-1961*. Paris: Flammarion, 1997.

RIMBERT, Pierre. *L'ouverture au capital, les transformations du quotidien Libération au début des années 1980*. Mestrado (Ciências Políticas), orientado por Michel Dobry, Paris X-Nanterre, 1999.

SAMUELSON, François-Marie. *Il était une fois Libération, reportage historique*. Paris: Seuil, 1979.

TUBIANA, Charles. Petit élève deviendra grand. *Education*, 3/maio/1979.

WEBER, Henri. *Les marxistes et la théorie de la formation de la conscience de classe*. 1974. (Orientada por Jean-Toussaint Desanti), Philosophie, Paris 1.